

pares, seus aprendizes, as pessoas em cuidado, ou mesmo usuários do território.

Inflexão no modelo assistencial, incorporando as práticas que integram aspectos emocionais, bem como a “*escuta poética da natureza*”, de Prigogine & Stengers (1990), no sentido de nos capacitarmos para diagnosticar precocemente as situações de frustração, perda, sofrimento emocional em pessoas mais vulneráveis, elaborando propostas para lidar com seus objetos internos e com a realidade externa de forma criativa.

Criação de condições que permitam o desenvolvimento da auto-estima pessoal e da sociedade, onde sejam redescobertas alternativas para a manifestação da autodeterminação dos sujeitos.

A compreensão e a valorização dos diferentes mundos culturais e das diferentes fontes de conhecimento são necessárias: parte da dificuldade na elaboração dos lutos tem a ver com a confusão ao lidar com perdas e morte em nossa sociedade. Condutas autodestrutivas, ainda que geradoras de repúdio, devem ser estudadas, compreendidas e partilhadas, para que a pessoa tenha condições de melhores escolhas, tanto da parte que aparentemente é agente (porque a qualquer momento o quadro pode reverter-se contra ela), como da parte que se submete à violência, sem reagir.

O fato de se admitir que o mercado globalizado é o grande imperador pode ser um avanço, um limite a partir do qual o pêndulo inverterá seu sentido. Fica visível para a sociedade que deuses e ciências apenas mascararam o que hoje aparece como o verdadeiro poder. Essa tomada de consciência prenuncia a possibilidade de transformação num processo civilizatório construtor de visões de vida. E se “*o objeto da sociologia (...) é determinar as condições para a conservação das sociedades*”, o objeto das ciências da saúde é a conservação das sociedades na busca da plenitude de seu bem estar bio-psico-social. Tendo em vista a escalada epidêmica da autodestruição humana, esses propósitos só poderão ser atingidos pela mudança radical da cultura tóxica para uma cultura ecológica, que enfrente a luta no nível estrutural, “*abrindo caminhos para todos e não só para alguns*”, e no nível molecular, cotidiano, por meio da reflexão e do afeto (Moraes, 1991).

CASSORLA, R. M. S. & SMEKE, E. L. M., 1994. Auto-destruição humana. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (supl. 1):61-73.

KALINA, E. & KOVADLOFF, S., 1983. *As Cerimônias da Destruição*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MORAES, J. F. R., 1991. Ciência e perspectivas antropológicas hoje. In: *Construindo o Saber: Metodologia Científica, Fundamentos e Métodos* (M. C. M. Carvalho, orgs.), Campinas: Papirus.

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I., 1990. *La Nueva Alianza - Metamorfosis de la Ciencia*. 2ª ed., Madrid: Ed. Alianza.

Djalma Agripino de Melo Filho

Secretaria de Estado da Saúde de Pernambuco, Recife, Brasil.

Quando se contemplam As Cenas da Vida Brasileira: 1930-1954, de João Câmara Filho, conjunto de painéis expostos no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, no Recife, tem-se a sensação de estar participando como atores de acontecimentos relevantes da história do Brasil. Lopes (1995:54) lembra que o pintor “*Em algumas obras, arquiteta cenas e cenários em que figuras se projetam com tal verossimilhança, como se estivessem vivas no écran da tela para nos encarar, provocar e desafiar. Mas lentamente, vamo-nos dando conta dos paradoxos e da blague, seja pelo ridículo das atitudes e ações, seja pelas amputações, torções e rotações que imprime ao corpo ou a partes dele*”.

Numa das cenas, precisamente a intitulada 1954-II (óleo sobre tela esticada sobre madeira – 80cm x 240cm), executada entre 1975 e 1976, aparece a imagem indefesa e impotente de Getúlio Vargas circundada por elementos que evocam o silêncio do sujeito: um telefone com o fio cortado, uma mesa de bilhar fechada (fim de jogo), um peru (símbolo maneirista do destino e do perigo) (Lopes, 1995:145-148). Segurando um revólver, as mãos de Vargas estão amputadas e voltadas contra ele próprio. Era como se elas não fossem do Presidente, mas de um espectro de um homicida onde só as mãos aparecessem, ficando oculto o resto do corpo. O sujeito ausente cumpre a sentença decretada pelas ‘estruturas’, como enfatiza a própria cartatextamento: “*Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadearam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto*” (Vargas, 1980:65).

Lançando-se mão da teoria aristotélica das quatro causas: material, eficiente, formal e final, podem-se levantar algumas hipóteses sobre a morte de Vargas. Destacando-se a influência da crise política que o cercava, a causa formal é posta em evidência, permitindo que se formule a hipótese do 'homicídio estrutural'; todavia, o conceito de suicídio recai exatamente na causa final, pois implica, entre outras condições, a intencionalidade da vítima em desejar pôr fim a sua própria vida: "*Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história*" (Vargas, 1980:65).

É justamente o aspecto estrutural do suicídio que foi objeto de uma obra escrita há cem anos, *O Suicídio*, de Durkheim. Nela, o sociólogo francês contribui para elevar o estatuto científico da explicação do evento, enfocando fundamentalmente a sua causa formal. Segundo Heller (1993:211), essa modalidade de causação, mesmo não sendo a única, é a mais científica de todas, pois rompe necessariamente com as aparências da esfera da particularidade, buscando na estrutura social a explicação para o fenômeno: "*A causa é concebida como uma totalidade relativa: como uma estrutura de regras totais, como uma instituição, como uma economia, como um sistema político ou, até mesmo, como um sistema de subsistemas interligados*".

O artigo do professor Everardo Duarte Nunes tem como objeto a referida obra e sua repercussão, cem anos depois de lançada. Trazer à baila um clássico, quando imperam as banalizações pós-modernas da ciência, filosofia e arte, é uma atitude louvável, além de proporcionar novas discussões sobre macro-micro no 'ambiente' sociológico, sobre falácia ecológica no 'ambiente' epidemiológico ou sobre doença mental e suicídio no 'ambiente' psiquiátrico.

Como contribuição ao debate, propõe-se que o autor do artigo discuta sobre a existência de uma possível antinomia na obra de Durkheim. Por um lado, o sociólogo francês considera suicídio, "*todo o caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pelo própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado*". Por outro, afirma que "*a causa geradora do fenômeno escapa forçosamente a quem só observa casos isolados, pois é exterior aos indivíduos. Para descobri-la é preciso colocar-se acima dos suicídios isolados e enxergar o que lhes dá unidade*"

Portanto, do ponto de vista conceitual, Durkheim pressupõe a presença de um sujeito, autor da ação que evidentemente não poderia es-

tar ausente, nem indeterminado. No aspecto explicativo, todavia, reforça sua ausência ou sua indeterminação.

Entende-se a razão pela qual Durkheim hipertrofiou a causa formal ou estrutural em seu estudo; necessitava, pois, libertar, tal como o fizera em *As Regras do Método Sociológico*, a explicação do fato social do plano estritamente psicológico: a então nascente sociologia precisava caminhar com seus próprios pés.

A concepção de causação do estruturalismo francês do qual Durkheim é um dos precursores também prioriza a causa formal e transforma as outras três (final, material e eficiente) em efeitos. Heller (1993:212-3) assevera que embora a causa formal ou estrutural seja o único tipo genuinamente científico, a explicação deve ser complementada com as outras modalidades: "*As teorias históricas que só apliquem a causa formalis são inteiramente vazias. Fornecem o esqueleto de uma história que ainda não foi escrita. Certamente, sem tal esqueleto nenhuma história verdadeira poderá algum dia ser escrita*".

O caso Vargas, uma vez que se acredite no determinismo histórico de que as 'estruturas' impeliriam o homem a cometer um ato, pode ser considerado um homicídio. Partindo-se do pressuposto de que haveria várias possibilidades para o desfecho da crise, tendo o Presidente optado por uma delas, o evento deve ser considerado um suicídio.

A estrutura estava formada, mas quem decidiu pôr um ponto final naquela história e entrar para a História foi o próprio Presidente (causa final). Distanciando-se desse fato empírico e retornando-se a Durkheim, talvez é chegada a hora de se fazer uma pergunta ao professor Everardo Nunes: suicídio ou homicídio estrutural?

HELLER, A., 1993. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

LOPES, A. S., 1995. *João Câmara: Revelador de Paradoxos Político-Sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Artistas Brasileiros, 2).

VARGAS, G., 1980. Carta-Testamento. In: *Cenas da Vida Brasileira: 10 Pinturas e 100 Litografias de João Câmara Filho* (F. Moraes & B. Lima Sobrinho, orgs.). Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Fundação Roberto Marinho/Grupo Othon.